

Marabaixo: relato transmidiático sobre a cultura amapaense¹

Amanda Leticia Bastos RODRIGUES²
Mauricio Gasparini Vanzaler de MATOS³
Patrícia Teixeira Azevedo WANDERLEY⁴
Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP

RESUMO

O artigo “Marabaixo: relato transmidiático sobre a cultura amapaense”, nasce de um processo de trabalho de conclusão de curso, idealizado por acadêmicos do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. Com o objetivo da produção de um produto transmídia informativo e relevante, com base em conceitos comunicacionais, o projeto busca resgatar a história do marabaixo, como identidade, memória e políticas públicas, apresentando quais as mudanças sofridas a partir da obtenção do título de Patrimônio Cultural do Brasil. A importância do conteúdo se torna necessária para o jornalismo cultural do Amapá, pois além de propiciar o registro da maior manifestação cultural do estado, o projeto objetiva a partir de uma produção transmidiática apresentar em formato de comunicação convergente a identidade de um povo.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Cultura; Jornalismo Cultural; Marabaixo; Transmídia.

INTRODUÇÃO

O artigo “Marabaixo: relato transmidiático sobre a cultura amapaense”, é baseado em um trabalho de conclusão de curso que está em processo de execução, dos acadêmicos Amanda Bastos e Mauricio Gasparini, com a orientação da professora Patrícia Teixeira, do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. O presente trabalho de pesquisa, tem o objetivo de fazer um produto transmídia sobre a maior manifestação cultural do Amapá, o marabaixo. Em novembro de 2018, a manifestação cultural recebeu o título de Patrimônio Cultural do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Tendo em vista, que se faz sempre necessário a realização de projetos de difusão da cultura, pois só assim fortaleceremos a história de um povo, o projeto

¹ Trabalho apresentado no IJ05 – Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: amandabastos1965@gmail.com

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: gasparinimau@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: patryciateixeira@gmail.com

experimental busca colaborar no conhecimento, compreensão e difusão dessa manifestação cultural.

O referido trabalho segue a linha de pesquisa sobre a história do marabaixo, através da memória dos representantes dos seis grupos de marabaixo do município de Macapá. Abordando também como os “marabaixeiros” - como são conhecidos os participantes do marabaixo - se identificam com a cultura e como acontece o processo de propagação da manifestação cultural em todo o estado, e como se dá o incentivo para que a população se autoidentifique com a manifestação. Nesse processo, faz parte da pesquisa entender como ocorre as políticas públicas dos órgãos responsáveis, que deveria ter como principal objetivo auxiliar os grupos de marabaixo na divulgação da cultura em todo o estado.

É utilizado como metodologia a pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa etnográfica, e como técnica a observação participante. Dessa forma, participar do movimento e da vivência dos grupos de marabaixo foi nosso objetivo durante os meses do ciclo que envolve a cultura do marabaixo, que será compreendido melhor no decorrer deste artigo.

HISTÓRIA DO MARABAIXO

Sendo considerada a maior e mais autêntica manifestação cultural do Amapá, o marabaixo com o passar do tempo se desenvolveu e conquistou mais admiradores. A história do marabaixo com o Amapá, segundo Martins (2016) começa com a chegada dos negros vindos de Belém, Nordeste e do Rio de Janeiro, aproximadamente em 1751. As terras amapaenses ainda ligadas ao Grão-Pará, eram habitadas pelos povos tucujus - indígenas usados para a construção da Fortaleza São José de Macapá – que resistiram em ser escravizados, e assim, os negros trazidos foram usados para dar prosseguimento a construção. Com a mistura de crenças, tradições, e a miscigenação o rufar das caixas de marabaixo iniciaram dentro da construção da Fortaleza.

Paralelamente à Fortaleza de São José de Macapá e à Igreja de São José, também como marco importante do início do marabaixo, a história e a Vila de Mazagão Velho, no município de Mazagão / AP. Mazagão Velho foi fundada em 1770 para abrigar 163 famílias de colonos lusos açorianos, que fugiram da costa africana em decorrência dos conflitos políticos-religiosos entre portugueses e mulçumanos. Essas famílias e seus escravos chegaram no local por volta de 1771. (MARTINS, 2016, p. 30).

Segundo, Martins (2016) os negros que moravam na orla da cidade de Macapá, precisaram se retirar, pois o local serviria para a construção do comércio e residência dos

governantes, esse momento se tornou marcante para a cultura do marabaixo, antes ocorrido somente dentro da Fortaleza, se manifestando a partir de então, em outro local da cidade, atualmente bairro do Laguinho. Esse processo de retirada aconteceu na gestão do primeiro governador do Estado do Amapá, capitão Janary Nunes, e a mudança de diversas famílias, foi coordenada por Julião Ramos, figura popular e líder da comunidade negra. “Alguns historiadores dizem ser mestre Julião um dos fundadores do marabaixo. As manifestações do marabaixo eram realizadas em sua residência” (MARTINS, 2016, p. 34).

Dessa forma, o marabaixo foi crescendo e se desenvolvendo como expressão cultural do Amapá ao longo dos anos. Suas raízes estão ligadas também com a religiosidade católica. “Como os negros foram reprimidos na sua fé religiosa, não tiveram alternativas senão a de valer-se do sincretismo religioso para continuar o culto aos seus santos” (MARTINS, 2016, p. 17). Assim, começa no sábado de Aleluia o “Ciclo do Marabaixo”, e continua até o domingo do Senhor, com a derrubada do Mastro. Esse momento conta com a Festa da Santíssima Trindade e do Divino Espírito Santo, sendo celebrada no bairro do laguinho; e a Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes, comemorada somente na favela, bairro atualmente conhecido como Santa Rita. O Ciclo do Marabaixo é composto por várias datas, como o sábado do Divino Espírito Santo conhecido também como “Cortação do Mastro”, depois o “Domingo do Mastro”, “Levantamento do Mastro”, “Sábado do Divino Espírito Santo”, “Domingo da Santíssima Trindade” e “Domingo do Senhor”.

Contudo, é caracterizado também pela música, por meio das “caixas” de marabaixo, principal instrumento musical utilizado, os “ladrões de marabaixo”, que são músicas cantadas nas rodas de marabaixo pelos “tiradores de ladrão”, ou seja, os cantores dos festejos, e pela dança e as roupas usadas.

Muito embora algumas similaridades culturais sejam encontradas nesses patrimônios, materiais e imateriais e naturais do Amapá por se tratar de culturas de base africana. Têm-se nos Quilombos amapaenses, em termos de danças, o predomínio do Marabaixo, Batuque com exceção do Zimba, ritmo dançado pelo Quilombo do Cunani e o Sairê no Distrito de Carvão no Município de Mazagão que apresentam instrumentos, cantigas, ritmo e danças específicos desses lugares (VIDEIRA, 2010, p. 74).

Em relação ao significado e construção do nome “marabaixo” existem diversos termos que o caracterizam, não tendo com clareza e exatidão a verdadeira fundamentação. “Mas, segundo alguns descendentes dos pioneiros do marabaixo, a palavra origina-se de

“mar-abaixo”, expressão usada quando corpos eram jogados dos navios negreiros ao mar durante a travessia para o continente americano” (MARTINS, 2016, p. 40).

OS PROCESSOS DE DISSEMINAÇÃO DA CULTURA AMAPAENSE

Identidade

A manifestação cultural representante de uma localidade, para se perdurar ao longo dos anos precisa construir um processo de autoidentificação nos indivíduos. O marabaixo iniciou com os negros e a miscigenação, a mistura de crenças, culturas e tradições, dessa forma, foi passada entre essas famílias o processo de identificação com a cultura. Com o passar do tempo e a popularização do movimento cultural no estado do Amapá, o marabaixo que antes pertencia somente a uma comunidade, desenvolveu e passou a pertencer a todo o estado. E assim, começa o trabalho de construir em toda a população a autoidentificação com a cultura local.

Seguindo o caminho da identidade que o indivíduo possui e constrói em sua vivência, para Stuart Hall (1992), o mesmo se relaciona com o movimento social que está envolvido.

Cada movimento apelava para a *identidade* social de seus sustentadores. [...] as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, e assim por diante. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a *política de identidade* – uma identidade para cada movimento (HALL, 1992, p. 45).

A autoidentificação, tem relação com o pertencimento de algo. As rodas de marabaixo foram se abrindo para o público em geral no estado, e nesse momento foi acontecendo o processo de conhecer e compreender a manifestação cultural. O movimento do marabaixo que já era grande, se fortificou e ganhou mais admiradores. A partir desse momento é necessário pensar em como passar a cultura para crianças, pois elas é que vão dar continuidade na tradição. As crianças integram famílias ligadas ao marabaixo já apresentam em sua identidade esse movimento, mas é necessário pensar também nas crianças que não possuem nenhuma relação. Mas é possível vislumbrar uma saída a partir do âmbito escolar.

Na escola encontramos um caldeirão, no qual fervilham todas as etnias. A cultura brasileira está na sala de aula, principalmente na escola pública. Portanto, caberia à escola o compromisso fundamental de trabalhar a promoção da igualdade racial. E o que vemos? Um paradoxo: a escola é o espaço que não poderia discriminar, mas acaba sendo o que mais discrimina. Uma das origens desse paradoxo vem do

fato de, por séculos, a escola ter trabalhado com um currículo de modelo europeu (OLIVEIRA, 2008, p. 31).

Antigamente, não havia a difusão do marabaixo nas matrizes escolares para conhecimento e aprendizado das crianças, era ensinado o movimento cultural de outros estados, menos o do próprio Amapá. Este cenário começa a apresentar mudanças, a partir da criação do projeto “Cantando Marabaixo nas Escolas”, coordenado pelo incentivador cultural Carlos Piru, que tem o intuito de popularizar e difundir a cultura local entre as crianças, sendo realizado em escolas públicas. Em 2019, foi feita a terceira edição do evento, e ao final do projeto foi organizado o festival “Cantando Marabaixo” onde os estudantes das escolas participantes, apresentam os ladrões de marabaixo feito pelos próprios alunos. Na terceira edição, dez escolas públicas e aproximadamente 100 alunos participaram da programação, mas não somente escolas da capital Macapá, mas como as do Município de Amapá, Porto Grande, Mazagão e Laranjal do Jari, municípios do interior do estado.

A identidade é fundamental na visão do autor Stuart Hall (1992), o mesmo defende que “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 1992, p. 38). Dessa forma, é algo necessário, pois se relaciona com o que acreditamos e defendemos.

Esse processo de autoidentificação e popularização da cultura local, foi essencial para que o marabaixo recebesse o título de Patrimônio Imaterial do Brasil, em novembro de 2018. Sobre este título falaremos durante o decorrer do presente artigo, ao discutirmos políticas públicas.

Memória

Resgatar questões históricas não seria possível sem a utilização da memória, para demonstrar quão relevante e legítima é uma pesquisa. Ao desenvolver um trabalho que precise de informações antigas, em sua maioria são as teias da memória que possibilitam mapear o passado, a partir das vivências dos entrevistados. Mas é necessário considerar que as memórias, com o passar do tempo, podem ser perdidas ou possuir um ponto de vista diferente ao da época vivida, a mesma pode ter significados, emoções, experiências diferentes para o indivíduo em cada momento de sua trajetória.

Segundo Bosi (1979) a memória muitas vezes se modifica ao longo dos tempos, mas continuam sendo memórias e possuem relevância. Os representantes dos grupos de marabaixo carregam consigo a missão de dar continuidade ao movimento cultural do grupo, buscando passar a tradição aos mais novos através de suas memórias e do que viveram, como forma de incentivar a conhecer e compreender a importância da manifestação dentro do estado e no âmbito familiar.

O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (BOSI, 1979, p.17)

Mesmo que a memória se modifique, e seja vista de forma diferente na vida adulta, os “marabaixeiros”, passam para as novas gerações ensinamentos que aprenderam com os seus antepassados. Os costumes são reconstruídos, sendo um caminho para manter a tradição. “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, [...] enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1979, p.17).

Políticas Públicas

Mais que um registro sobre a maior manifestação cultural amapaense, a presente pesquisa pretende documentar os pontos necessários para a salvaguarda e difusão do marabaixo como patrimônio de todo o povo do estado do Amapá. Conforme o artigo 215 da Constituição Federal, promulgada em 1988, afirma que que é dever do Estado garantir o acesso à cultura.

Assim como a Carta Magna brasileira, a Constituição do Estado do Amapá prevê em seu artigo 11, inciso quinto, que é competência do Estado, em comum com a União e municípios, proporcionar à população meios de acesso à cultura, à educação e à ciência. Outro dispositivo legal específico sobre a cultura, encontra-se no artigo 292 da Constituição do Amapá.

Art. 292. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes de cultura nacional, estadual e municipal, protegendo, apoiando

e incentivando a valorização e difusão das manifestações culturais, através: **I** - da liberdade de criação, produção intelectual e artística, e do acesso a todas as fontes e formas de expressão cultural; **II** - do incentivo à formação cultural e ao desenvolvimento da criatividade; **III** - da proteção às expressões culturais populares e de grupos participantes do processo cultural; **IV** - do acesso e da preservação do patrimônio cultural; **V** - da concessão de incentivos fiscais às entidades que assumirem o patrocínio de atividades culturais; **VI** - de legislação de proteção ao patrimônio cultural.

Para alcançar o objetivo não basta apenas a letra da lei, desta forma, são necessárias a formulação e a realização de políticas públicas para efetivarem os textos contidos nos regimentos do Poder Executivo, tanto em sua esfera federal como na estadual.

O processo de formulação de políticas públicas compreende dois elementos principais: definição da agenda e definição de alternativas. O primeiro envolve o direcionamento da atenção em torno de questões ou problemas específicos. O segundo, a exploração e o desenho de um plano possível para a ação (CAPELLA, 2018, p.9)

Um dos principais entraves para a efetivação das políticas culturais têm sido a transferência da responsabilidade do Estado para a iniciativa privada, que fomenta diversos projetos culturais por meio de financiamentos. Segundo Reis (2003), embora o estado esteja dividindo a atribuição com a iniciativa privada, o ente público guarda para si algumas competências exclusivas.

No setor cultural, sua atuação se dá de três formas: como planejador, produtor e avaliador. O delineamento da política cultural, com objetivos claros e definidos, é a principal de suas funções. Mais do que considerar a cultura de forma compartimentalizada, o governo possui a capacidade única de integrá-la às diretrizes definidas também para outros setores pelos quais vela, como o social, o econômico e tantos outros, formando uma grande estratégia de atuação (REIS, 2003, p. 10-11)

Para Botelho (2001), políticas públicas para o setor cultural não podem ser pensadas apenas como financiamento, pois são as políticas que devem definir valores e não o valor que definem quais ações deverão ser executadas.

Quanto aos problemas mencionados, estes são provocados por um equívoco de base: hoje, o financiamento a projetos assumiu o primeiro plano do debate, empanando a discussão sobre as políticas culturais. Render-se a isso significa aceitar uma inversão no mínimo empobrecedora: o financiamento da cultura não pode ser analisado independentemente das políticas culturais. São elas que devem determinar as formas mais adequadas para serem atingidos os objetivos almejados, ou seja, o financiamento é determinado pela política e não o contrário (BOTELHO, 2001, p.77).

Políticas públicas eficazes pressupõem a presença de estratégia, tendo sobretudo conhecimento sobre o objeto a ser trabalhado, para que possa ser delimitado quais ações serão capazes de gerar o resultado pretendido. Como exemplo, Botelho (2001) cita o país França, onde se percebeu por meio de pesquisas periódicas que a inserção dos produtos culturais dentro do ambiente escolar fortalecia o consumo dos elementos culturais típicos dos franceses.

Em primeiro lugar, nenhuma política que tenha como lema a democratização do acesso à cultura poderá produzir resultados sensíveis se for considerada isoladamente: as pesquisas demonstram claramente que o sistema escolar, embora não sendo o único determinante, é a ferramenta mais acessível de construção de um capital cultural, abrindo também a porta de alimentação desse capital. (BOTELHO, 2001, p.82)

Cabe ressaltar que políticas públicas voltadas para o setor cultural preconizam um trabalho à longo prazo, para que haja a construção de identidade em cada cidadão, fazendo com o que a população reconheça como suas tais manifestações artísticas.

Seguindo este pensamento, começam a ser desenvolvidos em âmbito local mecanismos de popularização da cultura ancestral do Marabaixo. Como exemplo pode ser citada a Lei nº 1.521, de 29 de novembro de 2010, que declarou o dia 16 de junho como Dia Estadual do Marabaixo Amapaense. Bem como projetos que visem a abertura do movimento “marabaixeiro” para toda a população amapaense, entre eles o Festival Cantando Marabaixo nas Escolas, e o Banzeiro do Brilho-de-Fogo, que realiza oficinas de marabaixo em praças públicas.

MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Visando desenvolver um produto que possa difundir a cultura do marabaixo no estado, com um conteúdo que aborda a história, memórias, identidade e políticas públicas, para o conhecimento e compreensão da sociedade, foi realizada uma análise de conteúdos experimentais e visto que o produto transmídia que está sendo desenvolvido, atende as necessidades de disseminar de maneira mais completa a manifestação cultural do Amapá. Tendo em vista, que em novembro de 2018 o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, concedeu o título de Patrimônio Imaterial Cultural do Brasil ao marabaixo, é necessário e fundamental, realizar projetos de propagação da cultura, pois conforme o decreto nº 3.551, Art. 7º, “O IPHAN fará a reavaliação dos bens culturais registrados, pelo menos a cada dez anos, e a encaminhará ao Conselho Consultivo do Patrimônio

Cultural para decidir sobre a revalidação do título de “Patrimônio Cultural do Brasil”. E encontramos na narrativa transmídia, o processo mais indicado para nossa pesquisa pois:

[...] o texto no processo comunicacional pode ter sua veiculação atrelada a várias mídias de diferentes formas, interferindo umas nas outras, completando, alterando, passando de uma a outra, impregnando a mensagem com suas peculiaridades. A esse trânsito de uma mídia a outra é que se costuma dar o nome de transmídia (PORTO-RENÓ, VERSUTI, et al., 2011, p. 207).

O produto transmídia tem como objetivo a criação de conteúdo para plataformas de mídias diferentes umas das outras, sendo que cada mídia recebe uma vertente do conteúdo principal abordado, e ao final, a ligação dessas plataformas de mídias faz com que o conteúdo se complemente por meio de todas, buscando “[...] abrir uma janela global para infinitas possibilidades de comunicação interativa em formato de vídeo, áudio e texto” (CASTELLS, 2001, p. 193).

Para Castells (2001), a palavra que denominava esse conteúdo comunicativo era “multimídia”. Mas esse pensamento ao longo dos anos está sendo alterado pela palavra “transmídia”, “Esse conceito de “multi” vem sendo substituído pelo conceito “trans”, que implica na contaminação, na transferência, na influência e na participação direta no conteúdo” (PORTO-RENÓ, VERSUTI, et al., 2011, p. 208). O produto transmídia é interativo, e torna o conteúdo principal abordado mais interessante pela forma que está sendo exposto, podemos ver esse conceito sendo aplicado em blogs e sites, que utilizam tanto o texto, vídeos e áudios para a construção do assunto.

O tema transmídia, apesar de antigo, tem inspirado uma nova legião de produtores e estudiosos que partem do princípio que se pode desenvolver uma base narrativa consistente e flexível, permitindo criar um esqueleto de ações, possibilidade de modificações e engajamento que possibilita o nascimento de um projeto transmídia. Desenvolver, escrever e produzir histórias iniciadas em uma plataforma de mídia, e que tem seu desdobramento estendido a outras plataformas, é hoje, a chave para o sucesso (ARNAUT, 2011, p. 267).

Com o intuito de produzir um produto transmídia, o projeto busca criar uma plataforma digital, um site jornalístico, no qual o assunto principal será contado através de plataformas de mídias diferentes, como vídeos, áudios e textos, sendo que todos serão ligados por meio da plataforma digital, e ao final, cada conteúdo forma um todo e se complementa.

Jenkins (2009, p. 138), ao apresentar Matrix como uma narrativa transmídia, explica que “uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e

valiosa para o todo” (JENKINS, 2009, p.138 apud PORTO-RENÓ, VERSUTI, et al., 2011, p. 208).

O método utilizado no procedimento do trabalho é a pesquisa básica, através do objeto de pesquisa explicativa, por meio dos dados obtidos pode-se esclarecer para a sociedade, através do produto experimental dúvidas e indagações a respeito da cultura local. A abordagem utilizada para o referido trabalho é a pesquisa qualitativa. Além de serem utilizados os procedimentos de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa etnográfica.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantitativo. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (MINAYO, DESLANDES, GOMES, 2009, p. 21).

Enquanto técnica foi utilizado nas gravações com as fontes, a entrevista em profundidade, afim de manter um diálogo com as mesmas. As fontes que participaram do trabalho, são os representantes de seis grupos de marabaixo do município de Macapá. Além, das entrevistas com os representantes da Secretaria de Cultura do Estado do Amapá, Secretaria de Cultura do Município e com a Superintendência do Iphan no Amapá que estão em fase de pré-produção.

A produção do referido produto, conta com a utilização da técnica de pesquisa bibliográfica, como forma de coletar e analisar materiais científicos que possam contribuir para o estudo, a pesquisa eletrônica visando a necessidade de utilizar materiais da web, e a pesquisa documental. A utilização da técnica de observação participante é utilizada para o desenvolvimento de um trabalho não apenas técnico, mas humano a partir das vivências dentro da manifestação cultural.

A observação participante permite captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas. Os fenômenos são observados diretamente na própria realidade. A observação participante apreende o que há de mais imponderável e evasivo na vida real (GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p. 75).

Portanto, o trabalho de conclusão de curso que está em andamento, busca contribuir para os estudos em comunicação, com um trabalho experimental transmídia, sendo que “se mostra cada vez mais atual e interessante por integrar todos os conceitos de produção e distribuição de conteúdos em uma única metodologia e processo de criação, envolvendo

qualquer tipo de mídia” (ARNAUT, 2011, p. 267), e para a sociedade com o conhecimento acerca do marabaixo.

CONCLUSÃO

O trabalho de conclusão de curso que está em fase de execução, e inspira esse artigo, está atualmente no processo de pré-produção de entrevistas, pois a primeira fase que objetivou colher imagens e filmagens durante o ciclo do marabaixo, encerrou-se no mês de junho. A partir do mês de julho iniciou-se as entrevistas em profundidade com os representantes dos seis grupos de marabaixo do município de Macapá, que estão participando do projeto. Em agosto, esperasse iniciar o processo de edição do projeto transmídia.

Assim, buscamos finalizar o trabalho, com um produto transmídia que contribua para a cultura local como propagador de informação e conhecimento, além de contribuir para a comunicação com um produto na área da transmídia, para as discussões de políticas públicas e culturais no estado e para o país, bem como para o jornalismo cultural do Amapá.

O artigo desenvolvido busca não esgotar o tema, mas sendo o primeiro a discutir marabaixo e comunicação transmidiática, contribuir nas discussões e debates acerca de projetos experimentais e transmidiáticos na área da comunicação multimídia, tendo em vista, que a tecnologia conquista cada vez mais espaço. O jornalismo em seus diversos seguimentos, encontra nos processos comunicacionais transmídia, uma forma relevante e dinâmica de propagar informações. E esperamos nele, apresentar a relevância e importância do marabaixo, cultura originada no estado do Amapá.

REFERÊNCIAS

AMAPÁ. Constituição (1991). **Constituição do Estado do Amapá**. Macapá, AP, 1991. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_15.12.2016/art_5_.asp> Acesso em: 21 de jun. 2019.

AMAPÁ. Decreto-Lei nº 1.521, de 29 de novembro de 2010. **Lex**: coletânea de legislação: diário oficial do estado, Macapá, 2010. Suplemento. Disponível em: <http://www.al.ap.leg.br/ver_texto_consolidado.php?iddocumento=27969> Acesso em: 21 de jun. 2019.

ARNAUT, Rodrigo Dias. et al. A Era Transmídia. **Revista Geminis**, n. 2, p. 266 – 268, dez, 2011. Disponível em <<http://www.eratransmidia.com/index.php/artigo-era-transmidia/>>. Acesso em: 29 de jun. 2019.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: TAQ, 1979.

BOTELHO, Isaura. Dimensões da Cultura e Políticas Públicas. **São Paulo Perspectiva**, v.15, n. 2, p. 73-83, jun, 2001. Disponível em: <http://www.guiacultural.unicamp.br/sites/default/files/botelho_i_dimensoes_da_cultura_e_politicas_publicas.pdf> Acesso em: 21 de jun. 2019.

CAPELLA, Ana Cláudia Niedhardt. **Formulação de Políticas Públicas**. Brasília: Escola Nacional de Políticas Públicas, 2018.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Oxford University Press, 2001.

GERHARDT, Tatiana. (Org.); SILVEIRA, Denise. (Org.); **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p.74. Disponível em : <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em: 19 de jun. 2019.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p.38-45. Disponível em: <https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf> Acesso em: 18 de jun. 2019.

MARTINS, Rostan. **Aonde tu vai, rapaz, por esses caminhos sozinho?:** comunicação e semiótica do marabaixo. São Paulo: Scortecci, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>> Acesso em: 19 de jun.2019.

PORTO-RENÓ, Denis; VERSUTI, Andréa Cristina; MORAES-GONÇALVES, Elizabeth; GOSCIOLA, Vicente. Narrativas Transmídia: diversidade social, discursiva e comunicacional. **Revista Palavra-Clave**. v. 14, n. 2, p. 207-208, dez, 2011. Disponível em

<http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0122-82852011000200002>

Acesso em: 21 de jun. 2019

Psique & Negritude: os efeitos psicossociais do racismo. São Paulo: Imprensaoficial, 2008.

REIS, Ana Clara Fonseca. **Marketing Cultural e Financiamento da Cultura:** teoria e prática, em um estudo internacional comparado. Thomson, 2003.

REPÚBLICA. Decreto-Lei nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. **Lex:** coletânea de legislação: edição federal, Brasília, 2000. Suplemento. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm. Acesso em: 21 de jun.2019.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Batuques, folias e ladainhas:** a cultura do quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação. Orientador: Henrique Antunes Cunha Júnior. 2010. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.